

Coluna do Castello

A hora e vez de José Sarney.

Em política, como em muita coisa mais, o que vale, no frigidar dos ovos, é o resultado e não a intenção. Sendo uma atividade pragmática, embora invocando inspirações éticas, das quais costumam se distanciar quando nada os meios (Maquiavel), ela busca alcançar objetivos. Sob esse aspecto o presidente José Sarney demonstrou agilidade, flexibilidade e persistência em suplantar os que na Assembléia Nacional Constituinte procuraram reduzir a quatro anos seu mandato.



Os meios a que recorreu, mobilização de influências políticas por intermédio dos seus ministros e de alguns governadores com poder concreto de convencimento, equivalentes de certo modo aos usados pelos três governadores — todos enaltecidos pelas atitudes éticas — que, na véspera da decisão da Comissão de Sistematização, mudaram votos de constituintes e alteraram previsões de uma vitória da aspiração do presidente por um mandato de cinco anos. Ninguém ignora que o resultado na Sistematização foi obtido em poucas horas pelos governadores de Pernambuco, da Bahia e do Rio de Janeiro. Não cabe discutir suas razões ou seus métodos como também não se estende a pesquisa ao procedimento dos membros do governo federal. A legitimidade dos processos é examinável por especialistas na identificação de meios para atingir fins.

A grande mobilização de opinião contra o governo José Sarney, além da legítima inspiração política, decorreu dos maus resultados apresentados até aqui por sua administração no combate à inflação, na preservação do valor real dos salários e no alarme de uma nova recessão que aparentemente tomou conta do país, certa ou erradamente. O presidente está convencido, como disse aos prefeitos que o visitaram, que seu governo é eficaz e apresenta taxa de desenvolvimento aceitável, devendo aguardar-se com otimismo o desfecho de negociações externas e da política pragmática do ministro da Fazenda. A opinião pública, no entanto, está apreensiva. Para isso contribuem a relativa mediocridade da sua equipe e a inexpressividade das lideranças com que joga no plano parlamentar.

Já dissemos aqui que a classe intelectual, que pesa na formação da opinião, está desestimulada e descrente dos valores em que se assenta a política oficial. E, nos

partidos, os que se identificam como forças representativas da grande mobilização contra o regime militar manifestam-se frustrados. Isso influi certamente no ânimo dos setores mais idealistas da sociedade, sobretudo na juventude. É claro que esse segmento social sofre a inevitável atração das propostas inovadoras ou revolucionárias, como as do PT e as dos diversos movimentos radicais de esquerda, que se dissociam do movimento de esperanças do qual se originou a chamada Nova República.

Há de observar-se, contudo, que uma certa inocência ou uma certa ausência de objetividade costumam fazer a cabeça dos idealistas e dos que sonham com a política como sendo uma atividade vinculada necessariamente a aspirações puras e a objetivos idealistas. Essa idéia marca também a atividade de homens públicos que não ingressaram como profissionais no ramo mas a ele foram conduzidos por contingências da vida do país ou da vida de cada um. No caso, os vinte anos de regime militar lançaram na atividade política ou nelas envolveram centenas de pessoas, de professores, de intelectuais, de artistas, de cientistas que de outro modo teriam procurado outra aproximação nas suas relações com a atividade pública.

O presidente José Sarney, que não imaginava chegar à chefia do governo, sofreu das perplexidades da sua situação pessoal e das circunstâncias que o levaram a presidente de um partido de sustentação do regime militar a vice-presidente e presidente de um sistema de forças basicamente sustentadas pelo movimento que se preparou para derrubar aquele regime. Não lhe faltou a coragem da decisão, na hora em que ela se fez necessária, mas lhe faltou pulso para dominar, nos primeiros tempos, um episódio cujo curso dependeria muito do exercício de sua capacidade de comando. Prisioneiro do PMDB e das pressões que a ele chegavam por intermédio dessa espécie de condestável do regime em que se transformou o deputado Ulysses Guimarães, não soube abrir espaço à sua própria liderança, transmitindo à nação a imagem de um governante frouxo e vacilante.

A quebra de compromisso com os partidos que constituíram a Aliança que o levou ao poder é a mobilização para reduzir-lhe o tempo de permanência no poder como que despertaram sua madura vocação política e o impeliram a agir, com o material humano de que dispunha, na preservação das suas prerrogativas. Ele ainda não ganhou o seu tempo de governo, mas tudo indica que o ganhará. E o ganhará não com o PMDB — no que isso representa como diretriz política e intelectual — mas com os amigos até do PMDB que incluiu a cada crise na sua equipe e hoje se constituem numa vanguarda agressiva apta a usar os processos habituais da política brasileira para construir uma base de poder.

Aparentemente, foi isso o que aconteceu. Cabe ao presidente José Sarney, depois disso, justificar-se perante a nação e a História.

Carlos Castello Branco